# O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE

2012

VOLUME I

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

# ONDE ESTÃO AS MULHERES NA HISTÓRIA DA GLEBA RIO VERDE? ESTUDO DO PROCESSO DE COLONIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE UBIRATÃ (1954 – 1961)

**Teresinha Witeck Fischer**[1]
**Fábio André Hahn**[2]

**Resumo:** A proposta deste artigo é apresentar os resultados de uma experiência didático-pedagógica realizada com os alunos do 2º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Carlos Gomes. A proposta desenvolvida foi trabalhar a história local e a questão de gênero no período de 1954 a 1961, período de colonização do município de Ubiratã. A problemática surgiu a partir de uma pesquisa prévia realizada, no qual constatou-se a baixa participação das mulheres no discurso de ocupação, além disso a sua quase exclusão dos dados documentais e registros oficiais de época, revelando a construção de um discurso histórico. Em resposta a isso, foi desenvolvida uma pesquisa histórica em diferentes fontes históricas com objetivo de demonstrar a importância da participação das mulheres no processo de ocupação do município, desconstruindo discursos de alguns grupos. Parte deste trabalho foi desenvolvido juntamente com os alunos, de modo que verificassem que não existe uma verdade histórica, mas construções que podem ser resultados de elementos contextuais de um dado momento histórico ou intencionalmente construídos. Foram realizadas entrevistas com mulheres que vivenciaram o período e visitas a espaços públicos, a fim de verificar os nomes que constam nestes espaços, de modo a levar o aluno a interagir com a história. O restado foi interessante, pois por um lado levou a intensa participação dos alunos, tendo em vista ser uma temática presente ao cotidiano deles e, por outro lado, possibilitou desconstruir discursos sobre a história e sobre o papel da mulheres no contexto de ocupação de Ubiratã.

**Palavras-chave**: História de Ubiratã. Ocupação. Gênero. História Local.

## 1 INTRODUÇÃO

O ensino de História nas escolas ainda está ancorado em uma metodologia tradicional de ensino, amparado no livro didático. Mudanças ocorreram ao longo das últimas décadas, mas o livro ainda continua sendo uma ferramenta rígida, engessada, por muitas vezes ainda enaltecendo os feitos de heróis, encarnados pela representação masculina.

Em se tratando da história do Paraná, verificou-se uma carência de estudos sobre o tema que refletisse em material para ser desenvolvido nas salas de aula, levando, consequentemente, ao *déficit* de aprendizagem em se tratando da produção de materiais de ensino sobre história do Paraná e história local. Os

[1]Teresinha Witeck Fischer é licenciada em História pela UNIOESTE. É pós-graduada em Ensino Aprendizagem e em Ensino Especial. Atualmente é professora do Ensino Médio da rede estadual de educação do Paraná.
[2]Fábio André Hahn é docente do curso de História da Universidade Estadual do Paraná – Câmpus de Campo Mourão / UNESPAR. Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense/UFF.

livros didáticos utilizados nas escolas da rede estadual do estado do Paraná fazem parte do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), portanto são genéricos a todos estados da federação e, consequentemente, não tratam das especificidades da história do Estado, nem abordam a história local onde vivem os alunos.

Nos planejamentos do ensino de história, os espaços destinados ao estudo da história local ainda são pequenos, porém é de fundamental importância para que se conheça o local de vivência dos alunos e permita com que eles se sintam parte do processo de construção histórica.

Posto isso, a presente pesquisa objetiva contribuir com o ensino da história local, repensando a história da ocupação da Gleba Rio Verde, mais especificamente o discurso oficial no qual uma parcela da população é excluída, como é o caso da participação das mulheres no processo de colonização do município de Ubiratã.

A história de Ubiratã passa pela Gleba Rio Verde, que foi adquirida do governador de Estado pelos paulistas Enio Pepino e Ascânio Loureiro de Carvalho, proprietários da Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná LTDA. (SINOP).

A produção histórica sobre o município de Ubiratã é escassa, trata mais especificamente sobre a exuberância de suas matas, enaltecem as atividades da colonização SINOP e seus proprietários, apresentando de modo ufanista a participação de um pequeno grupo social, denominado “pioneiros”. Entretanto, quase nada foi escrito sobre uma parcela significativa da população, em especial das mulheres. Foram justamente estas mulheres, muitas delas ainda residindo em Ubiratã, que ao serem entrevistadas deram valiosas contribuições com seus relatos para que o presente artigo pudesse revelar uma faceta da história pouco explorada e ausente dos discursos históricos oficiais do município.

Com base nos PCNs (2008), que tratam da importância no ensino de história, investigamos a utilização de outras fontes documentais, como relatos orais e fotografias, que devem ser analisados e interpretados, identificando grupos sociais ou de gênero, antes silenciados. As poucas produções históricas que temos sobre o Município de Ubiratã, ainda são insuficientes, mas foram utilizadas como ponto de partida para a pesquisa. Portanto, para o desenvolvimento da proposta foram utilizadas fontes de pesquisa diversas, como: fotografias, convites de casamento, folders, jornais e entrevistas realizadas com antigos moradores. As falas das mulheres entrevistadas revelaram importantes facetas da história,

especialmente aspectos culturais e identitários da história local, as relações sociais e de gênero, inserindo a mulher no espaço de produção da história local.

O presente tema justifica-se pelo fato de que na época em estudo as mulheres realizavam inúmeras atividades com uma extensa jornada de trabalho, mas eram excluídas da história oficial, sendo apenas mencionadas nas falas dos maridos: “Minha mulher não trabalha, ela fica em casa”. Entretanto, as atividades atribuídas a elas não se restringiam aos trabalhos da casa, pois em um grande número de casos trabalhavam na agricultura. Mas, além disso, a pesquisa revelou que mesmo permanecendo em casa a mulher realizava inúmeras tarefas, além de cuidar dos filhos pequenos que exigiam atenção constante. Havia ainda outras funções que eram exercidas pelas mulheres, como o oficio de parteiras, enfermeiras, professoras, cozinheiras, atividades estas que, de certa forma, eram um prolongamento das atividades exercidas no lar.

Posto isto, a proposta deste artigo é apresentar a pesquisa, a produção do material didático e sua aplicação em sala de aula, destacando os resultados deste trabalho. O material didático desenvolvido foi aplicado no Colégio Estadual Carlos Gomes, para o segundo ano do Ensino Médio e os resultados estarão disponíveis para que seja utilizado pelos demais professores de história em suas práticas pedagógicas. Portanto, o que será exposto neste artigo é resultado da contribuição dos GTR – Grupo de Trabalho em Rede, mas especialmente dos alunos, que foram fundamentais no processo de investigação sobre o processo de ensino-aprendizagem, tendo por temática a história local e, mais especificamente, a análise da questão de gênero.

## 2 GÊNERO E ENSINO DE HISTÓRIA

Ao escolher a temática sobre as mulheres na história da Gleba Rio Verde no período do processo de colonização do Município de Ubiratã (1954 – 1961), procurou-se apontar a falta de registros na história oficial do município sobre a vida das mulheres que viveram nesta época em Ubiratã, bem como a ausência dos seus nomes nas praças, ruas e avenidas da cidade. Mais recentemente na remodelação da Avenida dos Pioneiros, foi construído um monumento (2009), homenageando os “pioneiros”, portanto aparecendo somente os nomes de

homens. As mulheres foram esquecidas e silenciadas da história de Ubiratã. Este mesmo fato já foi percebido no painel da Praça Horácio José Ribeiro, de autoria do artista plástico Adoaldo Lenzi em 2011, que retrata a história em forma de imagens, no qual a representação da figura da mulher está em segundo plano.

O norte do presente trabalho foi repensar a história da colonização do município de Ubiratã, repensando a participação das mulheres, trazendo-as para a história, pois conforme entrevistas realizadas, elas afirmam que estiveram ao lado dos homens, para que a construção do município acontecesse. Segundo Joana Maria Pedro (2005), na antiga forma de escrever a história, não havia espaço para as mulheres, dando destaque especial a personagens masculinos que participavam do governo e de guerras. Segundo os DCEs, 2008, o ensino de História tinha um caráter estritamente político, pautado em fontes oficiais e de ponto de vista factual. Não havia espaço para análise, refletindo uma sociedade hierarquizada e nacionalista. A prioridade do ensino da história era incutir no aluno o cumprimento dos seus deveres patrióticos, adaptando-se a sociedade, cuja história enfatizava uma sociedade conduzida por heróis em busca do progresso da nação.

Com o surgimento da Nova História em meados do século XX e com a construção histórica da Escola dos Annales, surgem diferentes formas de tratar os objetos de pesquisa, assim como a entrada de novas fontes e abordagens. Segundo Rachel Soihet (2003), a proposta seria partir para uma perspectiva pluralista, considerando uma multiplicidade identitária. O que resultou ao longo do século XX, especialmente a partir da década de 1970, em um novo tratamento dado as mulheres. A Escola dos Annales propôs mudanças no campo metodológico, passando a valorizar aspectos ainda pouco explorados a partir de novas problemáticas. Segundo Rachel Soihet (2003), na década de 1960, no campo da história das mulheres, emergiu o termo “gênero”, passando a ser usado desde a década de 1970 para teorizar a questão da diferença sexual. A categoria gênero passou a permitir o estudo das relações entre homens e mulheres (PEDRO, 2005, p.93). No terreno da história social, as análises das relações entre gênero, consideraram as mulheres como sujeitas da história e despertaram a necessidade de inseri-las nas produções históricas. Para isso, passaram a ser pesquisados os domínios no qual ocorria a participação feminina, nos espaços privados e no cotidiano.

A mudança no campo metodológico também foi reflexo da alteração

contextual, pois na década de 1970 as mulheres entraram maciçamente nas universidades e passaram a reivindicar seu lugar na história. Surgiram temas, problematizações próprias do universo feminino, dando visibilidade a presença feminina e as suas produções acadêmicas, trazendo para a universidade o mundo privado (RAGO, 1998, p.95).

No ensino de História é bastante evidente a importância do desenvolvimento de atividades que tratem sobre a questão do gênero. Segundo as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná (DCEs), é proposto que sejam desenvolvidas ações para sanar as carências históricas diagnosticadas através das teorias e priorizam a história local. Para tanto, tratam dos confrontos identitários de gênero, fazendo novas abordagens comparativas com o propósito de ampliar a compreensão dos alunos e a seleção de temas que envolvam as ações humanas presentes no processo histórico. Portanto, o ensino de História através de novas temáticas, oferece possibilidades de novas abordagens, envolvendo os conflitos sociais, identitários e de gênero.

Ao repensar a história local, buscam-se novas fontes históricas que podem ser orais, escritas ou imagéticas, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico e mais prazeroso. Ao abordarmos a história local, surge a possibilidade de investigação da região e dos lugares onde os alunos vivem e compará-los com outros lugares e regiões, ampliando seu conhecimento. A temática, História local possibilita inovar, utilizando inúmeras fontes históricas e estratégias. Entre elas, prioriza-se a oralidade, os locais públicos, entre elas a visita aos museus, monumentos históricos, praças, logradouros e cemitérios, tornando as aulas mais dinâmicas e agradáveis.

## 3 GLEBA RIO VERDE: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Além da aplicação de intervenção pedagógica no segundo ano A do Ensino Médio do Colégio Estadual Carlos Gomes, foi realizado um Grupo de Trabalho em Rede (GTR-2013), que envolveu quinze professores da área de história que atuam na educação pública do Estado do Paraná. Os trabalhos se deram de forma *on-line*, em formato de Educação a Distância, no qual além de participar como professor pesquisador, atuei também como tutor de aprendizagem do grupo. Neste

curso foi disponibilizado o Projeto Pedagógico e a Unidade Didática produzida para aplicação em sala de aula. Dos professores participantes do GTR, somente duas professoras residem em Ubiratã, sendo que os demais eram de diversos municípios do Estado do Paraná. A participação de todos foi importante, pois teceram comentários sobre a pesquisa, estabelecendo uma comparação da história de Ubiratã com a história dos seus respectivos municípios.

Para desenvolver o presente trabalho junto aos alunos, após ter trocado experiências e discutido a proposta no GTR, realizei inicialmente uma introdução ao tema, de modo que os alunos entendessem a proposta de trabalho que se iniciaria naquele momento. Realizado este primeiro contato, definiu-se como uma das estratégias iniciais uma investigação do perfil dos jovens estudantes antes do desenvolvimento das atividades planejadas, de modo que as estratégias de ensino levassem em consideração as experiências dos sujeitos envolvidos. Foi aplicado um questionário para avaliar o conhecimento da turma. Como já imaginava, os resultados demonstraram que os alunos pouco conheciam sobre a história de Ubiratã. Portanto, a avaliação prévia permitiu, com maior segurança, realizar o desenvolvimento da proposta.

Ao iniciar os estudos com base no material didático elaborado, apresentei o conteúdo com slides de fotografias e análise de um panfleto de propaganda da colonizadora SINOP. Para aprofundar realizei um estudo comparativo sobre a utilização das diversas fontes históricas, no qual definimos que os depoimentos coletados junto as mulheres que viveram na Gleba Rio Verde, hoje Ubiratã, no período de 1954 a 1961, seriam mais relevantes para serem utilizados para repensar a história, pois iríamos “dar vez e voz a aqueles que foram duplamente silenciadas pelo tempo e pelo poder”, no nosso caso as mulheres (ARRUDA, 1994, p. 67). Para além deste fator, as entrevistas foram o recurso definido, pelo fato de na turma em que a proposta foi aplicada ter duas alunas com deficiência visual, uma com deficiência severa e outra com deficiência subnormal. A aluna com deficiência severa registrava os resultados em braile, que depois eram transcritos pela professora do ensino especial. Já a aluna com visão subnormal, os textos foram xerocados de forma ampliada, bem como as pautas das folhas para ela poder escrever.

A coleta dos depoimentos e as falas reproduzidas oralmente ou por escrito pelos alunos nas entrevistas ou conversas informais junto aos

familiares, compuseram informações riquíssimas para a realização do presente estudo. Nestas entrevistas constatou-se que todas as mulheres vieram à região acompanhando o pai ou marido. Segundo Gregory (2008, p. 178) neste contexto de colonização, “a mulher acolhia as decisões e se submetia aos ditames masculinos”.

Ao dialogarem, de modo especial com as avós, os alunos se aproximaram de sua realidade contextual, percebendo-se sujeitos do processo da história local. Segundo as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (DCEs, 2008), estudar a história local é uma forma de inovar o trabalho didático, buscando produções diversas, investigando a região e os lugares onde os alunos vivem. Ao consultar as diversas fontes históricas como folders, jornais, revistas e fazer as visitas *in loco* para verificar os nomes das ruas, praças, avenidas e homenageados nos monumentos históricos, formou-se uma interpretação mais sólida dos fatos, especialmente quando os alunos procuravam nomes de familiares e conhecidos nos monumentos.

Iniciando as atividades, realizei uma discussão na tentativa do conscientizá-los sobre a importância de se conhecer a história local, tendo como base gravuras para apontar a construção dos discursos, que em determinados momentos sobrevaloriza o papel do homem como conquistador. Com esta discussão foi possível problematizar junto aos alunos como se constroem os diferentes discursos e como a mulher, em determinado momento histórico foi relegada ao segundo plano na história oficial. Problematizado junto aos alunos alguns dos elementos principais a serem abordados nas atividades, passei a fazer uma exposição sobre a história do Paraná e o processo de ocupação da região em estudo, as políticas de Vargas com o processo de ocupação das fronteiras e do governo Moises Lupion, cuja preocupação era desenvolver o interior do Estado. Apresentado este contexto, desenvolveu-se uma discussão sobre os governos da época, a inserção da ocupação da Gleba Rio Verde e a sua colonização.

Em 1954 a SINOP iniciou os trabalhos na Gleba Rio Verde, inicialmente com um grupo de 200 homens que vieram para realizar este trabalho de forma temporária, pois ao acabar as atividades os mesmos iriam para outras regiões exploradas pela colonizadora. Alguns poucos que ficaram, assim como os primeiros compradores de terras, preparavam uma estrutura mínima e tratavam de trazer o restante da família que havia ficado na cidade de origem.

Entre estes trabalhadores que permaneceram e construiram Ubiratã, muitos

eram casados, sendo que os solteiros, na maioria, não demoravam para constituir família logo que aqui chegavam. Com o restante da família presente, o apoio das mulheres possibilitava a permanência e a continuidade dos trabalhos de derrubada das matas e formação das primeiras lavouras, que eram cultivadas. Além disso, dedicavam-se as construções das casas, em geral de madeira retirada da própria área, cerradas nas cerrarias recém instaladas.

Marli Motta Marcon em seu depoimento afirma que auxiliava seu pai na extração da madeira, cerrando toras para posteriormente serem transformadas em tábuas na serraria (MARCON, 2012).

As mulheres exerciam, assim como os homens, uma extensa jornada de trabalho, pois não contavam com as comodidades da vida moderna, entre elas água encanada, pois toda água que utilizavam era retirada do poço ou buscada na mina. As mulheres que moravam na região central da cidade se agrupavam para irem lavarem as roupas no córrego onde hoje é o Estágio Municipal de Ubiratã, ou no fundo do Cemitério, pois tinham medo dos animais que podiam atacá-las ou de jagunços que faziam segurança da Gleba.

A comida era preparada no fogão a lenha, o que demandava muito tempo exigindo que a cozinheira levantasse muito cedo para acender o fogo e preparar o café, conforme o depoimento de Regina Maria Rocha, que acordava as 4 horas da manhã para fazer o café para os peões no barracão da SINOP. Após o café da manhã, começava o preparo do almoço, lembrando que os alimentos eram escassos e, muitas vezes, buscava-se na natureza algum complemento, entre eles o palmito que era extraído da mata. Os gêneros não perecíveis vinham de Maringá, como feijão, arroz, macarrão, charque e leite em pó, que eram transportados num avião bimotor de propriedade da SINOP.

As atividades das mulheres eram realizadas geralmente dentro ou nos arredores das casas, mas eram essenciais para que o marido e os filhos tivessem acesso a alimentação, vestimentas e demais comodidades garantindo seu bem estar.

As mulheres realizaram essas atividades em espaços privados e foram silenciadas pela história oficial, pois segundo Sella (2010), algumas atividades eram aceitas e destinadas às mulheres como as atividades de cozinheira, costureira, enfermeira, parteira e professora, atividades essas que as meninas aprendiam com suas mães ou outro familiar e eram realizadas paralelamente as demais atividades

domésticas, com a exceção de enfermeira e parteira.

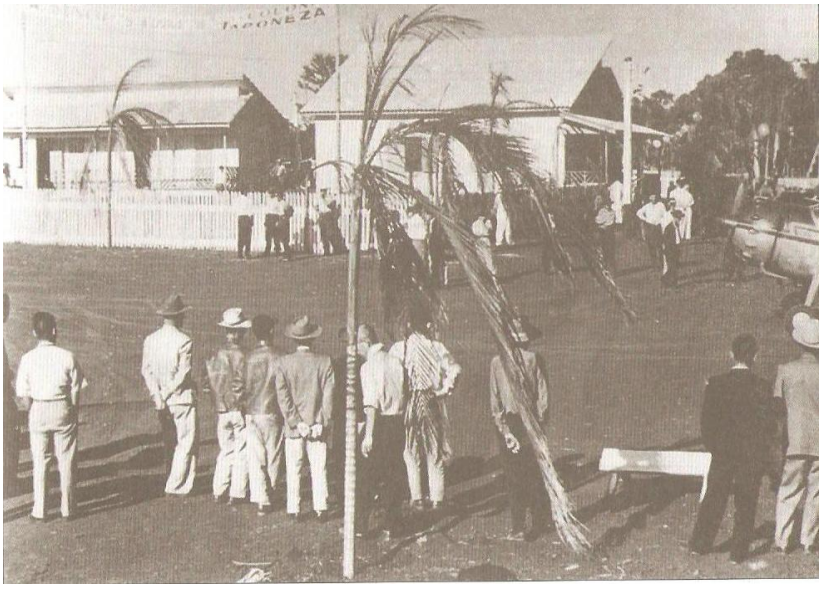
Estas mulheres com seus afazeres ajudaram a construir a história de Ubiratã, pois conforme Souza (2003, p. 23) “as mulheres eram fortes, corajosas, que não se intimidavam frente às dificuldades, verdadeiras companheiras”.

Pelo seu trabalho e dedicação, foram essenciais para unidade familiar e para a sociedade ubiratanense, mas foram excluídas dos registros oficiais do município, questão que se propôs a ser problematizada nesta atividade.

Passado trabalho de contextualização do processo migratório e da ocupação de Ubiratã, passou-se a realizar atividades com mapas, a fim de localizar os espaços e as transformações que ocorreram até 1954, assim como as diferentes frentes colonizadoras. Foi realizado um estudo comparativo de mapas do processo de ocupação com mapas atuais, de modo a observar as modificações territoriais que ocorreram e a localização do município de Ubiratã no espaço paranaense.

Em detrimento disto, iniciamos o estudo das diversas fontes históricas, com a leitura de um texto informativo, seguindo de atividades práticas de análise dos materiais coletados pelos alunos, dentre esses, fotografias familiares que retratavam uma diversidade de fatos, porém em sua maioria de eventos religiosos, convites de casamentos, panfletos da época e um folder de propaganda da SINOP. Foram analisados junto aos alunos fotografias de eventos sociais sobre o início da ocupação de Ubiratã, no qual se percebeu a ausência da mulher nesses eventos.

**Figura 01 –** Fundação da vila de Ubiratã em 19 de fevereiro de 1956. O local é onde hoje se encontra o Banco do Brasil.



**Fonte:** Acervo da professora Selene Cotrim R. de Carvalho.

Uma das fotografias representa a inauguração da Vila Ubiratã, ocorrida em 02 de fevereiro de 1956, sendo que na solenidade se vê somente a presença de homens. A professora Eva Maria de Andrade Okavati, participante do GTR, questionou: “onde estavam as mulheres? Provavelmente trabalhando muito, cuidando da casa, dos filhos, sem tempo e oportunidade para se dedicar a essas reuniões”.

Continuando os trabalhos, foi realizado um estudo do texto “As mulheres na ocupação da Gleba Rio Verde e a Fazenda São João”. Este foi lido e comentado pelos alunos que, contextualizaram as informações do texto com as informações obtidas em diálogos com familiares. Na sequência foram formados grupos para que analisassem os depoimentos das mulheres presentes na Unidade Didática, que após um estudo minucioso foram socializados para toda a turma.

Após estes trabalhos, os alunos começaram a pesquisar entre seus familiares, dando preferência às mulheres que viveram em Ubiratã nessa época, munidos de perguntas e registrando as respostas em forma de relatório, o qual foi socializado durante as aulas.

Para complementar o trabalhos, foi realizado a análise de fotografias do monumento em homenagem aos “pioneiros”, situado na Avenida dos Pioneiros e assistido o vídeo “Vida Maria”. Com estas informações, os alunos partiram para as entrevistas com as mulheres que viveram em Ubiratã no início da colonização. Estas mulheres foram indicadas com auxilio de familiares dos alunos que auxiliaram sugerindo nomes de mulheres que viveram neste período em Ubiratã. Para tanto, foram utilizadas questões norteadoras para as entrevistas (Anexo 2).

Em outra oportunidade, os alunos fizeram um passeio orientado pelos espaços públicos da cidade, acompanhados pela professora, a fim de verificar e reconhecer a identificação dos nomes das ruas, avenidas e praças da cidade. Apesar das duas avenidas centrais da cidade terem nomes de mulheres, estas nunca residiram em Ubiratã, mas esposas dos proprietários da colonizadora SINOP, portanto sem nenhum vinculo identitário com o espaço de ocupação.

**Figura 02.** Placa de identificação das vias públicas, seguida de suas respectivas imagens.

**Fonte:** Dados da pesquisadora, 2013.

Na Praça Horácio José Ribeiro há um painel sobre o processo de ocupação de Ubiratã. Neste os alunos observaram e comentaram sobre a pouca representação da mulher, aparecendo apenas nas atividades da igreja e da escola, lugares estes que sempre a mulher foi aceita, no entanto em nenhum momento ela é representada.

**Figura 03 –** Painel da Praça Horácio José Ribeiro

**Fonte:** Dados da pesquisadora, 2013.

Nas avenidas centrais da cidade tem o nome de mulheres que nunca residiram em Ubiratã, porém receberam esta homenagem por serem esposas dos proprietários da SINOP.

Na Avenida dos Pioneiros existe um monumento em homenagem aos pioneiros, no qual há o registro apenas de nomes dos homens. Os alunos identificaram o nome dos avós, tios ou políticos da comunidade que lhes são familiares. Ao chegarmos ao monumento dos Pioneiros, momento em que estavam observando a ausência de mulheres, muitos sugeriram a construção de um novo monumento em homenagem às mulheres que foram esquecidas pela história no período de colonização (1954-1961).

Com esta atividade, os alunos compreenderam as diferentes interpretações históricas, baseadas nas relações sociais, entre elas o gênero e o cotidiano das mulheres como agentes da própria história. Ao trabalharmos as relações de gênero, deu-se espaço para uma discussão mais ampla, estabelecendo uma rejeição a oposição tradicional de rivalidade entre homens e mulheres (SOIHET, 2003). Procurou-se reafirmar que as mulheres fazem parte da história e as atividades por elas registradas eram essenciais para todos os membros da família e consequentemente para toda comunidade. Houve a afirmação dos alunos dizendo que a avó em geral é mais presente em suas vidas, pois, na ausência dos pais, quer em pequenos períodos ou de forma permanente, eles ficam aos cuidados da avó.

Trabalhando a história local, utilizando as fontes históricas disponíveis, desvencilhando-se do tradicional livro didático, analisando fatos e atos históricos, com conteúdos vinculados ao dia a dia dos alunos, permitindo com que os alunos se sintam agentes da história, participantes da transformação da história local.

**Figura 04 –** Monumento aos Pioneiros

**Fonte:** Dados da pesquisadora, 2013.

Na sequência, foi proposto aos alunos que refizessem o questionário do Anexo 1, como forma de avaliar a aprendizagem dos alunos durante a aplicação das atividades do projeto PDE.

Foi realizada uma produção de texto descrevendo a participação das mulheres na colonização de Ubiratã. Falando das primeiras parteiras que atendiam às mulheres, os alunos descobriram junto aos avós que Maria de preto, além de realizar partos na região da São João, era solicitada a atender as mulheres em Ubiratã, pois ela realizou os partos de dois filhos de Apolonia Pereira Lima, que era esposa de Tomaz Izidro de Lima, o qual foi prefeito de Ubiratã.

Outra informação coletada pelos alunos foi que na região das três placas, Dona Marcelina realizava a atividade de parteira, atendendo até a região de Ouro Verde ao oeste do município de Ubiratã, acompanhando a parturiente por muitas horas, mesmo dias. As famílias, segundo a Professora Zilda da Cruz Galindo, participante do GTR, eram muito gratas a Dona Marcelina pela sua dedicação e cuidados.

A aluna K.A. coletou informações junto a sua avó sobre Dona Maria Conceição, relatando que ela realizava o oficio de parteira e de benzedeira na região de Ubiratã, sendo muito solicitada pelas famílias para fazer os partos e medicar os doentes.

Na região da Fazenda São João, a senhora Matilde Anderli Leite, mãe de Doralina Beckauser, realizava este ofício, ajudada pela filha, pois tinha deficiência visual, mas como não havia outra pessoa que pudesse realizar os partos, ela não se recusava a fazê-lo.

Nas palavras da professora Ivonete Schone, participante do GTR,

> "A mulher estava presente em cada ser humano que chegava ao mundo. Ao deixar o útero materno outra mulher o acolhia – a parteira. Quantos cidadãos foram acolhidos por estas mulheres que enfrentavam as dificuldades de locomoção, deixavam as comodidades do lar para auxiliar outra mulher neste momento, pode-se dizer belo e maravilhoso, auxiliar, estar presente quando uma nova vida chega a este mundo, tão frágil, tão necessitado de cuidados e calor humano, afeto e amor".

Segundo a aluna C.A., que coletou informações a respeito das costureiras, destacou que as costureiras eram muito valorizadas, pois as meninas eram incentivadas a aprender a costurar, para confeccionar as roupas familiares e obter algum ganho, costurando para os demais. O que vem justificar o fato de Izaura Furukava, entrevistada pela aluna V. que, antes de vir para Ubiratã, fez o

curso de corte e costura em Araucária, onde residia. O aprendizado do ofício foi incentivado por Enio e Nilza Pepino, pois havia a necessidade de costureiras para atender a demanda na Gleba Rio Verde.

Izaura veio para Ubiratã com seus pais, que montaram uma cerealista e ela montou um salão de costura, no qual confeccionava roupas e dava aulas de corte e costura. O salão ficava localizado onde hoje é a empresa dos Correios, no terreno que a família recebeu da SINOP.

As Senhoras Regina Maria Rocha e Maria Felizaria Leite realizaram a atividade de cozinheiras, preparando as refeições dos peões que trabalhavam nos serviços de infraestrutura na fazenda São João e no Barracão da SINOP, na Gleba Rio Verde. Acordavam muito cedo e cozinhavam grande quantidade de alimentos no fogão a lenha, numa cozinha em condições precárias.

Estas foram algumas informações pesquisadas pelos alunos, que os ajudou a compreender elementos do cotidiano da Gleba Rio Verde. Ao finalizar os trabalhos, os alunos responderam novamente ao questionário do Anexo 1, de modo a perceberem se haviam aprendido sobre a história local e a construção dos discursos em torno de uma história oficial. Ao serem questionados oralmente sobre os trabalhos desenvolvidos, revelaram que gostaram da maneira como foi conduzido o trabalhado, o tema e as atividades propostas. Afirmaram que a metodologia proporcionou uma aproximação maior com a história, levando-os a gostarem mais da disciplina.

**Figura 05.** Sala de aula onde a Unidade didática foi aplicada.

**Fonte:** Dados da pesquisadora, 2013.

# 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao proporcionar aos alunos uma melhor compreensão histórica da ocupação da Gleba Rio Verde e da Fazenda São João, buscou-se a contribuição em diversas fontes históricas, de modo especial, na oralidade, por meio dos depoimentos de integrantes de famílias que vieram para Ubiratã no início da colonização, tornando a história mais interessante e revelando aspectos culturais e identitários da história local, que segundo ao DCEs (2008), precisa ser priorizada. Porém, como alerta Baller (2012, p.193), para utilizar as fontes orais é preciso definir bem as estratégias e a condução da metodologia. Os PCNs (2008) alertam sobre a necessidade de se utilizar outras fontes documentais, entre elas os relatos orais que, ao serem analisados e interpretados, identificam grupos sociais e de gênero antes silenciados.

Analisando inúmeras fontes históricas, inicialmente percebemos que elas retratavam a participação efetiva da mulher. Optou-se então pela contribuição da história oral, por meio de entrevistas junto as mulheres que viveram na Gleba Rio Verde e na Fazenda São João na época em estudo. Estes depoimentos, na maioria coletados pelos alunos, revelaram um lado oculto da história oficial e da participação da mulher no cotidiano.

Em casa a mulher tinha uma intensa jornada de trabalho, pois era ela quem cuidava de muitos filhos, marido e por vezes de demais familiares. Era ela que cozinhava, limpava, lavava, passava, costurava e ajudava no cultivavo a terra. Atividades estas de extrema importância, mas ao serem comparadas com a força de trabalho masculino, por questões contextuais, eram desvalorizadas.

O objetivo foi levar os alunos a observarem o espaço urbano da cidade, compreenderem os discursos construídos e, principalmente, entenderem que todos somos parte da história.

As produções dos alunos, tendo como base a coleta dos depoimentos, levou-os a repensarem a história local, contribuindo com a produção da história do município onde vivem, vista sob um novo olhar, considerando a participação dos homens e das mulheres, respeitando as diferenças de gênero e a cultura local.

O presente trabalho também contribuiu com o ensino de História, pois ao pesquisar a história local e a participação das mulheres no processo de colonização

da Gleba Rio Verde, que deu origem ao município de Ubiratã, inovaram-se as práticas, levando os alunos a repensarem aspectos da história local, sentindo-se agentes dessa mesma história. Além de inovar, abordando a temática das mulheres e consequentemente as relações de gênero por meio de atividades práticas e de pesquisas, que exigiram maior envolvimento de todos os alunos no processo investigativo e de desconstrução dos discursos históricos oficiais do município.

## REFERÊNCIAS


**AGROECOLOGIA PARANÁ**. Disponível em:<http://agroecologiaparana.com.br> Acessado em: 28 de nov. 2012.

ARRUDA, Gilmar. Para Que Serve o Ensino de História. **História & Ensino**. Londrina-Pr, V. 1, p. 61 – 68, 1995.

ATAÍDE, Vicente; SCHOENFELDER, Jan Gerd; COLOMBO, Odenir; HEY, Reinoldo; BENATO, João Azolin. **Coagru:** Construtores do Brasil. Curitiba, ED. Livros HDV, 1973.

BALLER, Leandro. História oral e/ou fontes orais: aportes teóricos e metodológicos do fazer historiográfico no tempo presente. In: MEZZOMO, Frank Antonio; PÁTARO, Cristina Satiê; HAHN, Fábio André. **Educação, Identidades e Patrimônio.** Assis: Triunfal Gráfica e Editora: FECILCAM, 2012.

BOCK, Gisela. História, História das Mulheres, História de Gênero. **Penélope.** Fazer e Desfazer História. n 04, p. 159-187, 1989.

BRASIL/MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio**, 1999.

CAIMI, Flávia Eloisa. Fontes históricas na sala de aula: uma possibilidade de produção de conhecimento histórico escolar. **Anos90.** Porto Alegre, v.15, n.28, p.129-150, 2008.

DE PAULA, Zueleide Casagrande; CARDOSO, Laureci S.; CARVALHO, Sara V. de. A Fotografia e o Acervo Fotográfico do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH - UEL) na Perspectiva Patrimonial. In: MEZZOMO, Frank Antonio; PÁTARO, Cristina Satiê; HAHN, Fábio André. **Educação, Identidades e Patrimônio.** Assis: Triunfal Gráfica e Editora: Fecilcam, 2012.

GREGORY, Valdir. **Os Eurobrasileiros e o Espaço Colonial:** Migrações no Oeste do Paraná.Cascavel,Ed. Edunioeste, 2002.

HOSSN, Noha Nege Abou El. **Conheça seu Município.** Curitiba-Pr, Editora base, 2008.

MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces. Rio de Janeiro, **Tempo,** v. 1, n. 2, 1996, p. 73-98.

MEZZOMO, Frank Antonio; PÁTARO, Cristina Satiê; HAHN, Fábio André. **Educação, Identidades e Patrimônio.** Assis: Triunfal Gráfica e Editora: Fecilcam, 2012.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. Jogos da memória: conflitos de terra e amnésia social. **Tempo,** Rio de Janeiro, vol. 2, n°. 6, 1997.

NADALIN, Sérgio Odilon. **Paraná:** Ocupação do Território, População e Migrações. Curitiba, Editora UFPR, 2001.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pequena história. São Paulo, **História,** v. 24, n. 1, 2005.

PENAFIEL, Lilia Lúcia; PIRES, Odete; FISCHER, Sandra Cristiane Witeck. **A importância do resgate histórico no processo educativo**. Minas Gerais, UNIVALE, 2004.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo,** Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

RAGO, Margarete. Descobrindo historicamente o Gênero. **Cadernos Pagu.** São Paulo, (11), 1998..

Revista Paranaense dos Municípios: Ubiratã: 25 anos de progresso. **Revista Paranaense dos Municípios LTDA**, Curitiba, 1986.

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. **Revista Brasileira de História**, v.9, n. 19, 1989.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora M. S. **Histórias do Cotidiano Paranaense.** Curitiba, Editora Letraviva, 1996.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História.** São Paulo: Scipione, 2004. (Pensamento e ação no magistério).

SEED. **Diretrizes Curriculares para o Ensino de História da Educação Básica.** 2009.

SELLA, Marco Aurélio. Mulheres, Historiografia, Gênero e o Oeste do Paraná. In: HAHN, Fábio André; MEZZOMO, Frank Antonio; MYSKIW, Antonio Marcos. **Ensaios Historiográficos:** Temas, Tendências e Interpretações. Campo Mourão, Editora da Fecilcam, 2010.

**SINOP**. Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná Ltda. Folheto de propaganda. Sem data.

SPERANÇA, Alceu; SPERANÇA, Regina; DE CARVALHO, Solene Cotrim

Rua. **Ubiratã: História e Memória.** Ubiratã-Pr, Edição do autor, 2008.

SOIHET, Rachel. **História das Mulheres e relações de gênero:** debatendo algumas questões. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/mulheres/16.shtml> Acessado em: 27 de Jun. 2012.

UBIRATÃ: 77-80 É tempo de construir. Ubiratã, 1981. **Revista Relatório.** Sem autor e editora.

**ENTREVISTAS**

BECKHAUSER, Doralina. Entrevista concedida a autora em 19 de dezembro de 2012.

BORDIN, Ervanilde Rascoski. Entrevista concedida a autora em 19 de novembro de 2012.

CORRÊA, Ana de Melo. Entrevista concedida a Gustavo Corrêa Salvetti em 14 de junho de 2013.

DA SILVA, Gilda de Melo. Entrevista concedida a Thaina Eloise, Luan Ebuti e Camila Abreu em 10 de junho de 2013
.
DA SILVA, Irene Nicolau. Entrevista concedida a Myllena Thaynara Coelho e Matheus Soares Farias em 14 de junho de 2013.

DE AQUINO, Aparecida. Entrevista concedida a Kethlen Aquino em 10 de junho de 2012.

DE FARIAS, Yolanda Rodrigues. Entrevista concedida a autora em 22 de outubro de 2012.

DE FREITAS, Celina Correia. Entrevista concedida a autora em 22 de outubro de 2012.

DE SOUZA, Josefa Simplicio. Entrevista concedida Mayse S. Franção em 10 de junho de 2013.

DE OLIVEIRA, Benedita Medeiros. Entrevista concedida a autora em 19 de novembro de 2012.

FELIZARI, Dolores. Entrevista concedida a Luiz Zawodini e Matheus da Paixão em 13 de junho de 2013.

FERRAZ, Aparecida. Entrevista concedida a Carina dos Santos e Larissa Milena de Souza em 13 de junho de 2013.

FURUKAVA, Izaura.Entrevista concedida a Karoline Alencar e Ana Paula dos Reis em 11 de junho de 2013.

HORTÊNCIO, Isabel. Entrevista concedida a Victor Hortêncio em 12 de junho de 2013.

LEITE, Alcidez. Entrevista concedida a autora em 24 de outubro de 2012.

LEITE, Alzira Felizari. Entrevista concedida a autora em 24 de outubro de 2012.

MARCON, Marli Motta. Entrevista concedida a autora em 23 de outubro de 2012.

ROCHA, Regina Maria. Entrevista concedida a autora em 17 de outubro de 2012.

**ANEXO 01**

# Questionário

Esta atividade tem como objetivo diagnosticar o conhecimento dos alunos sobre a colonização do município de Ubiratã.

Questionário

1. O que você sabe sobre a ocupação do espaço do município de Ubiratã?
2. Como eram os espaços a serem colonizados? (Gleba Rio Verde e a Fazenda São João).
3. De acordo com seus conhecimentos, descreva os recursos naturais dessa região.
4. Por que você acha que centenas de famílias vieram para a região? Vieram em busca de que? Que dificuldades encontraram?
5. Que atividades eram realizadas pelas mulheres no período em estudo?

## ANEXO 02

Agora o trabalho é de vocês: Em dupla ou trio, vocês irão entrevistar mulheres que chegaram em Ubiratã no período de 1954 a 1961. Não se esqueçam de registrar os resultados.

### PERGUNTAS NORTEADORAS DAS ENTREVISTAS

Nome da entrevistada. Idade e cidade de origem.

2. Porque veio para Ubiratã?
3. Como foi a realizada a viagem até Ubiratã? Qual o transporte?
4. Que atividades realizaram e onde as realizavam (Trabalho)?
5. Com quantos anos se casou?
6. Como ficou sabendo da colonização de Ubiratã?
7. Quais foram às maiores dificuldades encontradas no início da colonização de Ubiratã?
8. Em sua opinião, quais as vantagens de vir para Ubiratã e enfrentar as dificuldades apresentadas?
9. Como era o acesso aos alimentos, materiais de higiene, materiais de limpeza e remédios?